

Homem Morde Cachorro?

J. Roberto Whitaker Penteadó

Há vinte anos quando minha filha mais velha estava cursando o segundo ano do curso colegial estimei-a a fazer o exame vestibular de uma Universidade Católica, de qualidade bastante razoável (até hoje), como uma espécie de "treino" para o vestibular verdadeiro, que faria no ano seguinte.

Ela fez o exame. Passou e foi bem-qualificada o que a deixou mais tranqüila para o exame verdadeiro que faria no ano seguinte.

Isso foi há duas décadas, mas trata-se de uma experiência que está longe de ser única. De um modo geral, as famílias brasileiras sabem e incluem nisso as famílias dos jornalistas, ou, pelo menos, da maioria deles que um exame classificatório (que é como, hoje, são chamados os vestibulares) é apenas um dos vários requisitos para entrada numa faculdade. Para inscrever-se, em geral, basta apresentar um documento de identidade. Outro requisito indispensável é apresentar a prova de conclusão do segundo grau, o que, em geral, só fazem por uma questão de simplificação do processo os que passaram no exame.

O "aluno analfabeto que foi aprovado no vestibular" da Universidade Estácio de Sá, do Rio agora tornado tão famoso, no Brasil, quanto a moça gaúcha que ganhou o prêmio da Casa dos Artistas teria sido, como de fato foi, rejeitado, em qualquer tentativa que fizesse para matricular-se em qualquer faculdade do Brasil.

Mais: esse famoso personagem não foi "aprovado". Ele simplesmente classificou-se em último lugar entre os nove candidatos que se apresentaram para preencher as 20 vagas disponíveis para uma turma de primeiro ano do curso de Direito.

Nas mesmas circunstâncias, ele teria sido incluído entre os classificados não entre os "aprovados" na maioria absoluta das escolas do ensino superior brasileiro, pois as regras dos exames classificatórios são as mesmas para todas. E como aconteceu na Estácio não teria sido aceito para ingressar no curso.

Não tenho qualquer contato com o Sr. Uchoa ou qualquer outra pessoa da direção da Universidade Estácio de Sá. As informações aqui alinhavadas, eu as tenho do que foi publicado na imprensa e da minha longa experiência pessoal como diretor de uma faculdade privada. Sei que não bate com o que V., amigo leitor, leu, viu ou ouviu nos últimos dias.

E o que é pior não só não confere com o que a imprensa divulgou, como, aparentemente, não foi esclarecido pelas autoridades educacionais, que se preocuparam muito mais em aproveitar essa autêntica "não-notícia" para alardear providências que não providenciam nem resolvem nada, mas ajudam digamos a fazer parecer que o governo este governo reage rapidamente a um "escândalo".

Escândalo absolutamente fabricado, seja deliberadamente, seja por acidente.

Nosso sistema de ingresso ao ensino superior pode não ser o melhor do mundo, mas asseguro-lhe que é praticamente impossível que proporcione acesso a um cidadão analfabeto não por ser analfabeto o que é um detalhe mas por não ter os certificados oficiais de escolaridade que a burocracia exige.

O outro lado dessa falsa moeda é o seguinte: um jovem, ou uma jovem, que seja, reconhecidamente, um absoluto gênio, e tenha condições de iniciar os estudos numa faculdade, digamos, aos 15 anos como ouvimos falar de vez em quando que acontece, na Europa e nos Estados Unidos também não o poderia fazer, no Brasil, pela falta do certificado de conclusão do curso secundário. Acho que isso, sim, seria um escândalo mas não provocaria o mesmo interesse que provocou a manchete "analfabeto é aprovado no vestibular" uma espécie de sonho jornalístico realizado, como o tradicional "homem morde cachorro".

Todos sabemos que o Brasil tem sérios problemas na área da educação. Eles são, provavelmente, mais sérios nas áreas do ensino fundamental e do ensino médio que é onde as pessoas deviam ser alfabetizadas e nem sempre o são do que no ensino superior. E, no ensino superior, são mais graves no setor público do que no setor privado, embora nele também existam.

Todos nós ganharemos com uma ampla discussão desses problemas pela sociedade. Mas, nesse episódio, insisto em que pese todo o barulho feito o homem não mordeu o cachorro.

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=435&ID=76>>. **Acesso em:** 28 jul. 2009.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais